

TRADIÇÃO E REVOLUÇÃO: O DISCURSO DOS INTELLECTUAIS BRASILEIROS NOS ANOS 20 E 30, DO SÉCULO XX, NO BRASIL

A década de 20 tem como palco no Brasil a Semana de Arte Moderna, onde o movimento modernista aponta para novas vertentes na intelectualidade; em 1922 funda-se o partido comunista. Em contraponto, esta também é a década em que intelectuais são cooptados pelas teorias racistas européias* ⁽¹⁾, onde as explicações científicas que vêm desde a segunda metade do século XIX, com os trabalhos de Gustave Le Bon, Goubinau e Agassin⁽²⁾, entre outros, afirmam a dualidade das raças, construindo no imaginário⁽³⁾ coletivo a eleição das raças superiores em detrimento das indesejáveis.

* PPG-História e do POSMEX da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁽¹⁾ Maria Luiza Tucci Carneiro, *Anti-Semitismo na Era Vargas. Fantomas de Uma Geração (1930-1945)*, SP, Brasiliense, 1988.

⁽²⁾ Sobre as teorias racistas européias, vide Lilia Moritz Scharcz, *O espetáculo das Raças: dentistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*, SP, Companhia das Letras, 1993; Thomas Skidmore, *Freto no Branco: Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro*, RJ, Paz e Terra, 1976; Leon Poliakov, *O Mito Ariano*, SP, Perspectiva, 1974.

⁽³⁾ Trabalhamos o conceito de imaginário político e social na linha teórica de Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, SP, Companhia das Letras, 1989, B. Bazcko, "Imaginação Social", in *Enciclopedia Einaudi*, Lisboa, Casa da Moeda, 1985 e G. Balandier, *O Poder em Cena*, Coimbra, Minerva, 2001.

O Brasil desde o terceiro quartel do século XIX, com a grande necessidade de braços para a lavoura do café e o impedimento do tráfico negreiro, enceta uma campanha de divulgação na Europa das "maravilhas" da vida cotidiana do imigrante em solo brasileiro⁽⁴⁾. Os discursos que compõem estas discussões tanto nas assembleias provinciais como na corte, constrói a imagem do imigrante desejável, que deveria contribuir para o "branqueamento" do brasileiro e serem bons trabalhadores - daí os cules chineses estarem fora desta eleição⁽⁵⁾. Em 1920, já após a Revolução Russa a prerrogativa do imigrante desejável estava em serem amantes da ordem e avessos ao bolchevismo.

O objetivo deste ensaio é desconstruir o discurso⁽⁶⁾ intelectual conservador no Brasil dos anos 20, e sua repercussão nos anos 30, expresso então, através de um discurso que reifica a ordem, é contra revolucionário, conservador, e refuta a idéia de revolução. Reflete o interdiscurso⁽⁷⁾ europeu, que tem como fio condutor a reação às revoluções, ao liberalismo, apontado como esteio para a implantação do comunismo. Trabalharemos com o conceito de imaginário social para a análise deste discurso, percorrendo a linha teórica de B. Baczko, quando afirma que "o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos 'discursos' nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem"⁽⁸⁾.

Ainda na linha do imaginário, Raoul Girardet⁽⁹⁾ com o seu conceito de Idade de Ouro, tornará compreensível nossas análises acerca da filosofia escolástica, e sua reificação como solução para aquele momento

(4) Vide o trabalho de Boris Kossoy e Maria Luiza Tucci Carneiro, *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do séc. XIX*, SP, Edusp, 1996.

(5) Graça Ataíde, "Racismo", in Graça Ataíde & Rosário Andrade, *História nem sempre humorada de Pernambuco*, Recife, Bagaço, 1999.

(6) Estaremos trabalhando a análise de discurso com base na linha de trabalho de Eni Orlandi, *Análise de Discurso*, Campinas, Pontes, 1999; M. Foucault, *A Ordem do Discurso*, SP, Loyola, 1996; T. A. Van Dijk, *La noticia como discurso. Comprensión, estructura, & producción de la información*, Barcelona, Paidós, 1990.

(7) O conceito de interdiscurso é usado aqui como a memória histórica do discurso, o que já foi dito antes e é recuperado num novo discurso. Acerca do conceito vide Foucault, *Arqueologia do Saber*, SP, Brasiliense, 1985 e Eni Orlandi, *Interpretações*, SP, Campinas, Pontes, 1996.

(8) B. Baczko, "Imaginação Social", in *Enciclopédia Einaudi, ob. cit.*, p. 311.

(9) Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas, ob. cit.*

de crise. Com Balandier⁽¹⁰⁾ trabalharemos os conceitos de ordem *versus* desordem.

O *corpus* eleito como fonte para este trabalho é o discurso de intelectuais conservadores, ressaltando entre estes, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, que também usava o pseudônimo de Tristão de Ataíde, procurando analisar as formas de produção e os sentidos construídos por esta produção de discurso conservador, que tem como cerne o argumento de que a transformação do país só será realizada a partir da restauração do ideário tradicional, rechaçando-se toda e qualquer atividade revolucionária, reificando o princípio da autoridade e o total repúdio ao liberalismo, eleito como a raiz de todos os males que afligem as nações. A argumentação do discurso recai sobre a trajetória do liberalismo para o comunismo.

Nesta linha de argumentação, a revolução francesa teria levado os Estados modernos à anarquia e ao caos. Grande parte da imprensa laica e religiosa apoia os modelos políticos autoritários como via de mão única para a implantação da ordem e paz social, produzindo um discurso que repudia a democracia e reifica os regimes fortes, como caminho para barrar a possibilidade da chamada bolchevização do Estado

As raízes desta produção de discursos conservadores de parte da intelectualidade brasileira, rechaça toda e qualquer mudança, prega o advento de uma nova era, que trará de volta uma idade de ouro⁽¹¹⁾ que teria sido corrompida pelas ideologias "exóticas". Esse passado eleito como perfeito é representado pela Idade Média, que é revisitada e incorporada como modelo a ser seguido. Raoul Girardet, trabalhando com o imaginário construído de um passado remoto, perfeito, a ser imitado, ressalta que esse passado de representações traz consigo uma evocação "de um modelo, de um arquétipo, modelo e arquétipo a que a emergência fora do tempo decorrido parece por definição dar um valor suplementar de exemplaridade"⁽¹²⁾. Esse passado de plenitude de luz se apresenta em detrimento de um presente sofrido e decadente.

(iº) Ordem e desordem está sendo analisado aqui sob a luz dos trabalhos de G. Balandier, *O Poder em Cena*, ob. cit., e *La Desordem*, Barcelona, Gedisa, 1996.

⁽¹¹⁾ O conceito de Idade de Ouro é usado aqui na linha teórica de Raoul Girardet, *Mitos e mitologias Políticas*, ob. cit., pp. 97-99.

⁽¹²⁾ Raoul Girardet, *Mitos e mitologias políticas*, ob. cit., p. 99.

Este discurso contra-revolucionário elege o conceito de ordem como cânone deste paradigma autoritário "quer perpetuar um estado de coisas que lhe parece encerrar toda a verdade; como o mundo em que vive já não apresenta essa situação, é reacionária, luta contra ele, quer voltar ao passado"⁽¹³⁾.

Para Francisco Iglesias, o pensamento de Jackson de Figueiredo "exprime parte considerável da opinião brasileira. Seu estudo, pois, permite que se coloquem vários e importantes problemas ainda não debatidos"⁽¹⁴⁾. O discurso de Jackson de Figueiredo, representado pelo discurso da defesa da ordem, apóia-se num interdiscurso que vem de além mar, somando sua voz às vozes européias, que lutam "pela ordem e pela tradição, contra o que consideram a calamidade revolucionária, que pressentem em tudo, no liberalismo ou no socialismo, com as diversas colorações que tais correntes apresentam"⁽¹⁵⁾.

As obras de Jackson de Figueiredo que fazem parte do nosso *corpus* de análise são as que apontam para seu ideário político e social: Entre vários artigos e ensaios, destacamos os livros: *A Reação ao Bom Senso*, 1922; *A Coluna de Fogo*, 1925; *Literatura Reacionária*, 1924; *Do Nacionalismo na Hora Presente*, 1921; *Afirmações*, 1921⁽¹⁶⁾.

Os trabalhos de Alceu Amoroso Lima são mais teóricos e se voltam para análises mais profunda da filosofia escolástica e sua relevância naquele momento. Inúmeros artigos e livros compõem o *corpus* para esta pesquisa. Destacamos *Política*, 1939; *Indicações Políticas*, 1936; *O Problema da Burguesia*, 1932 e *Pela Cristianização da Idade Nova*, 1946; *Reforma Social*, 1933⁽¹⁷⁾.

⁽¹³⁾Francisco Iglesias, *Historia e Ideologia*, SP, Perspectiva, 1971, p. 113.

⁽¹⁴⁾*Idem*, p. 111.

⁽¹⁵⁾*Ibidem*, p. 111.

⁽¹⁶⁾Obras de Jackson de Figueiredo que representam parte do *corpus* analisado nesta pesquisa: *A Coluna de Fogo*, RJ, Centro D. Vital e Anuário do Brasil, 1925; *Literatura Reacionária*, RJ, Centro D. Vital e Anuário do Brasil, 1924; *Pascal e a Inquietação Moderna*, RJ, Centro D. Vital e Anuário do Brasil, Seara Nova e Renascença Portuguesa, 1922; *A reação do Bom Senso*, RJ, Anuário do Brasil, 1922.

⁽¹⁷⁾Alceu Amoroso Lima/Tristão de Ataíde, *Indicações Políticas*, RJ, Civilização Brasileira, 1936; *Política*, RJ, Getulio Costa, 1939; *Pela Cristianização da Idade Nova*, RJ, Agir, 1946; *O Problema da Burguesia*, RJ, Agir, 1932; *Reforma Social*, RJ, Getulio Costa, 1932.

É nesse palco turbulento que nasce a revista *A Ordem* (1921) e o centro D. Vital (1922), no Rio de Janeiro, criados por Jackson de Figueiredo, sob a égide de D. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro. O centro D. Vital, espalha-se pelos estados brasileiros, promovendo conferências, debates, editando. Torna-se um ambiente de discussão para a nata dos intelectuais católicos brasileiros. A revista *A Ordem*, será um espaço de representação da produção intelectual conservadora, compondo hoje uma rica fonte de discursos da intelectualidade brasileira daquele momento. Alceu Amoroso Lima será o grande parceiro de Jackson de Figueiredo na revista *A Ordem*, substituindo-o na direção da revista, em 1928, quando da sua morte prematura⁽¹⁸⁾. Seguindo então a linha conservadora de Figueiredo, Amoroso Lima tem uma crítica cáustica ao ideário liberal: "o Brasil está a morrer de demencia racional, porque o liberalismo é uma demência racional, a rede em que adormeceram, para esquecerem-se, os covardes"⁽¹⁹⁾.

O século dezenove, apontado neste discurso pelos tradicionalistas como o século das massas e das revoluções, teria tido seu berço na revolução francesa, expoente do laicismo e do liberalismo. Alceu Amoroso Lima foi neste contexto, um dos defensores da idéia de se efetivar a relação cultural das elites eliminando os incapazes: "dia a dia se mostram as massas mais incapazes de trazer ao mundo a paz e a prosperidade. O século XIX foi o século da alfabetização das massas, o século XX será o da seleção cultural das elites"⁽²⁰⁾.

Na mesma linha, o Padre Hélder Câmara, ao criticar em 1933 a pedagogia liberal de Anísio Teixeira, dava a relevância à formação de uma elite política, pelo viés da educação, tornando claro, seu ideário - naquele momento - conservador e tradicional, onde a educação era voltada como privilégio de uma elite: "querer que todos se orientem e se dirijam a si mesmos é esperar que todos sejam elite, todos inteligentes, honestos,

⁽¹⁸⁾Jackson de Figueiredo morre afogado na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 1928. A construção de sua imagem no imaginário coletivo, como herói na luta contra o comunismo pode ser percebida na produção de discursos da imprensa brasileira em 1938, quando dos 10 anos de sua morte. Vide: jornais: *A tribuna*, *A Gazeta*; revistas: *Para o Alto*, *A Ordem*, *Estrela do Mar*, *Maria*.

⁽¹⁹⁾*A Ordem*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 55, 1927, p. 157.

⁽²⁰⁾Alceu Amoroso Lima, "Um Pórtico de Universidade", *A Ordem*, jan. 1938, p. 66.

vontadosos e sadios". Isto ia de encontro à formação de uma elite intelectual para guiar "massas amorphas"⁽²¹⁾.

Nesta ótica do discurso, Amoroso Lima, afirmava que a elite brasileira deveria emergir, silenciada que tinha sido pela democracia, apontada por aquele intelectual como "a grande onda demagógica, que o século XIX levantou"⁽²²⁾. Aqui emerge os sentidos de uma época perdida, onde a elite atuava e guiava as massas: o mito da Idade de Ouro que precisa ser recuperada, resgatada. Girardet sintetiza a noção de tempo no mito da Idade de Ouro, marcado pela relevância da permanência, do tempo linear, da cristalização do tempo: "o mundo da idade de Ouro é dos relógios parados"⁽²³⁾, em contraponto à uma história em movimento, com rupturas e continuidades.

Esta elite que seria resgatada do ostracismo a que foi relegada pelo século das massas, era uma elite "vacionada", com certeza avessa às revoluções, fiéis à religião de seus pais e amantes da ordem, em flagrante contraste com a massa que era apontada como criança grande, necessitada de ser guiada, irresponsável, carente daqueles atributos encontrados no "outro"⁽²⁴⁾.

Igualdade, fraternidade e liberdade representavam os cânones de um paradigma falido, nas palavras de Amoroso Lima, responsável pela "destruição socialista"⁽²⁵⁾. Em contraponto ao paradigma liberal, Amoroso Lima tece toda uma argumentação para apontar as bases de uma sociedade ideal, apoiada no conceito tomista do "livre arbítrio", apontado como essencial para a "formação e conservação da sociedade e de seus grupos", onde a lei natural, levaria os homens à "aplicação indeterminada da vontade à multiplicidade de meios imperfeitos para alcançar um fim único"⁽²⁶⁾.

O discurso fundador ao se voltar para a Idade Média e a filosofia tomista do livre arbítrio, aponta para sua "adequação às complexidades e subtilezas do real, respeita os elementos fundamentais da verdade,

⁽²¹⁾Pe. Helder Câmara, "Educação Progressiva", *A Ordem*, jul. 1933, p. 545.

⁽²²⁾Alceu Amoroso Lima, "Num Pórtico de Universidade", *ob. cit.*, p. 69.

⁽²³⁾Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, *ob. cit.*, p. 129.

⁽²⁴⁾Sobre o tema ver: Tvetan Todorov, *Nós e os Outros*, Rio de Janeiro, Zahar, 1993; J. Paul Sartre, *Reflexões Sobre o Racismo*, São Paulo, Difel, 1978.

⁽²⁵⁾Tristão de Ataíde, *Política*, RJ, Editor Getulio Costa, 1939, p. 26.

⁽²⁶⁾*Idem*, pp. 23-25.

repercutindo assim na ordem social, pela ação que permite o poder de transformação social, mas limitando-o de tal modo, que torna as revoluções casos extremos e raramente justificáveis"⁽²⁷⁾.

Percebe-se no discurso, tanto o interdiscurso medieval, como o interdiscurso racista da segunda metade do século XIX, onde a teoria das aptidões seleciona os homens e determina seus destinos. Noëlle Bisseret⁽²⁸⁾, em instigante estudo sobre a questão das aptidões naturais, observa a importância ideológica para as sociedades de apontar os que possuem estas aptidões, como sendo inerentes a cada pessoa. O discurso trabalha com a irrefutável teoria das leis naturais, onde a vontade humana rege a e funcionaria como uma bússula para a transformação social.

Na mesma linha, Azevedo Amaral, teórico do Estado Novo, afirmava já em 1930, a necessidade de se formar um estado-maior intelectual da nação, estabelecendo uma "fronteira pedagógica", entre o ensino superior e o ensino técnico, reservado às escolas essencialmente técnicas. O ensino caberia às instituições incumbidas de formar a elite intelectual do país, determinando os rumos do progresso e da sua cultura que deveria ser essencialmente conservadora, tradicional, longe dos ideais liberais da Nova Escola, emergente nos EUA, no âmbito da linha teórica de Dewey e Kilpatrick⁽²⁹⁾. A polêmica entre conservadores/tradicionais

⁽²⁷⁾*Ibidem*, p. 29.

⁽²⁸⁾Bisseret observa que na França de 1830, inteligência é uma categoria que se refere "a quem consegue ter equidade de alma, que vê o verdadeiro, o justo e a ele se prende". Em contraponto, operário é definido "como aquele que exerce uma profissão mecânica, para a qual a inteligência não é absolutamente necessária". Bisseret conclui que as conotações do termo aptidão "foram se transformando em um dado imutável, permanente, hereditário, que determinava o destino de um indivíduo". Noëlle Bisseret, "A Ideologia das Aptidões Naturais", in Carlos José Garcia Durand (org.), *Educação e Hegemonia de Classe: as funções ideológicas da escola*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, pp. 39-40.

⁽²⁹⁾ Acerca das correntes filosóficas da pedagogia liberal, representada pelo movimento da Escola Nova *vide* Carlos Monarcha, *A Reinvenção da Cidade e da Multidão: dimensões da modernidade brasileira: a escola nova*, São Paulo, Cortez, 1989; Jamil Cury, *Ideologia e Educação Brasileira - católicos e liberais*, São Paulo, Cortez, 1986; Renato Jardim, *Escola Nova, Coletivismo e Individualismo*, Rio de Janeiro, Edição da Livraria Globo, 1936; W. H. Kilpatrick, *Educação para uma civilização em Mudança*, São Paulo, Edições Melhoramentos, s. d.; Nelson Cunha Azevedo, *A Psicologia da Aprendizagem como Base de Renovação Escolar. Monografia apresentada para o concurso de livre docente da Cadeira Psicologia Educacional do Instituto de*

e liberais traz também a formação discursiva pedagógica, onde o novo paradigma liberal, que dá origem à Escola Nova, faz emergir o medo em relação à introdução nos currículos, de um ensino laico, enciclopedista, em contraponto aos conservadores que propunham um axioma, onde somente na filosofia tomista, residia uma pedagogia completa: instrução e educação. Os conservadores apontavam para a escolástica medieval, enquanto que os liberais para a democracia, expressa nos ideais pedagógicos norte-americanos.

Jackson de Figueiredo, em um texto fazendo uma comparação com as universidades americanas e o ensino no Brasil, argumenta a relevância dos católicos tradicionais lutarem pelo fim da escola laica e se organizarem para a instalação no Brasil de um sistema escolar católico. Essa argumentação tem toda uma forma de produção voltada para o combate à maçonaria e conseqüentemente o combate ao comunismo. Observa-se a teoria do mito do complô trabalhado por Girardet⁽³⁰⁾ 31 quando o discurso leva à possibilidade do surgimento de uma eminente catástrofe que estaria sendo construída e se abateria sobre aquela sociedade. Figueiredo afirma que os católicos são ingênuos por deixarem a "política inteiramente ao bel prazer e dispor da nossa tão philanthropica Maçonaria, a irmã gêmea, no entanto, das maçonarias francesa, mexicana, equatorea, etc. Essa atitude é manifestadamente errada, - é culposa, - é suicida [...] devemos acabar com esse pacifismo covarde e com essa prudência criminosa".⁽³¹⁾

A relevância da tradição escolástica emerge no Brasil, em 1916, quando da Carta Pastoral assinada por D. Sebastião Leme⁽³²⁾, então Arcebispo de Olinda e Recife, e egresso de Roma. D. Leme com um discurso de tradição

Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Gráfica Cruzeiro do Sul, 1936; Lourenço Filho, *A Pedagogia de Rui Barbosa*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1956; Estevão Pinto, *A Escola e a Formação da Mentalidade Popular no Brasil*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1932; F. Sebastián Tauzin, *Bergson e São Tomaz — o conflito entre a Intuição e a Inteligência*, Rio de Janeiro, Desclée, De Brouwer, & Cia, 1934

⁽³⁰⁾Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, ob. cit.

⁽³¹⁾Jackson de Figueiredo, "Quasi como ha trinta, quase como há dez annos atrás...", *A Ordem*, nº 56, ano VI, jul. 1927, p. 197.

⁽³²⁾ D. Sebastião de Cintra Leme, *Carta Pastoral de 1916*, Petrópolis, Vozes, 1937, p. 12. Acerca da importância da Carta Pastoral de 1916 de D. Leme, ver os seguintes trabalhos: Jamil Cury, *Ideologia e Educação Brasileira: católicos e Liberais*,

e avesso ao que denominava "modernismo exótico" apresentava-se como líder de uma nova proposta, com ideias precisas, onde a reintegração do papel político da Igreja junto ao Estado era o fio condutor deste discurso. A tradição representava a chance da Igreja de recuperar o papel político perdido com a implantação do Estado laico em 1889. A carta pastoral de 1916 é plena de sentidos que apontam para a tradição, e garantia contra os ideais modernos.

Assim, o discurso da educação elitista no Brasil foi construído a partir da proposta de uma seleção natural e eugênica, que privilegiava uma minoria em detrimento da massa da sociedade. Seleção excludente, que dicotomiza a sociedade, onde a teoria das aptidões junta seu coro à teoria do livre arbítrio: "de um lado está a elite reduzida, de alta cultura, que chegou ao conhecimento das grandes verdades humanas por intermédio de uma inteligência superior, ajudada e guiada por uma força de vontade quase divina. Do outro, a massa de analphabetos nos quaes os ligeiros traços de humanidade já foram absorvidos, na determinação dos typos, pelas características nítidas do animal"⁽³³⁾. Ao corroborar esta seleção eugênica das "elites", os conservadores reificavam o resgate da cultura aristocrática, perdida com a Revolução Francesa e sua "absurda teoria da igualdade"⁽³⁴⁾. Apregoava-se que as tradições e as heranças não se destroem por decretos e que classes desfavorecidas existiriam sempre numa democracia. Lembramos aqui um ensaio de Luís Reis Torgal acerca

São Paulo, Cortez, 1981; Ralph Della Cava, "Igreja e Estado no Brasil no Século XX. Sete Monografias recentes Sobre o Catolicismo Brasileiro", *Estudos CEBRAP*, n° 12, jun. 1975; Margareth Patrice Todaro, *Pastors, prophets and politicians; a study brazilian church: 1916-45*, Columbia Uuniversity, Ph. D., 1971.

⁽³³⁾ Geraldo de Andrade, *O Dever do Estado Relativamente à Assistência aos Mais Capazes: These Sorteada para concurso de Professor de Sociologia Educacional da Escola Normal Official*, Recife, 1932, p. 49.

⁽³⁴⁾ Sobre este ideário *vide*: Manoel Lubabo, "Em Que Consiste a Escola Única", *A Ordem*, ago. 1933, pp. 212-225; críticas à educação dualista, ver os seguintes autores: Marinete Silva dos Santos, *A Educação Brasileira no Estado Novo (1937/1945)*, Niterói, Livraria Panorama Ltda, 1980; Vanilda Pereira Paiva, *Educação Popular e Educação de Adultos*, São Paulo, Loyola, 1987; Jose Carlos Garcia Durand (org.), *Educação e Hegemonia de Classe: as funções ideológicas da escola*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

da modernidade e da tradição em momentos distintos da realidade na universidade portuguesa⁽³⁵⁾.

A ideologia autoritária acreditava que através de uma educação dualista seria possível direcionar o "olhar" da grande massa populacional, para imagens e conceitos do Estado autoritário. O ideário de educação elitista, sustenta um projeto pedagógico excludente, tendo como alvo um inimigo comum, que transpunha o atlântico e aportava no Brasil, com demandas sociais para a classe obreira: o socialismo. Este, acusado de trazer em seu bojo uma "exigência de difusão igualitária do ensino, criando um proletariado de intelectuais sem trabalho"⁽³⁶⁾ e sem as condições de guiar as massas. Questionava-se a expectativa do operário preocupado apenas em saber se está diariamente com o almoço garantido. Defendia-se a idéia de que se a educação no Brasil seguisse o caminho do liberalismo, teríamos no futuro a mexicanização da sociedade brasileira, encetada pelo viés da educação⁽³⁷⁾ 38.

Contrato social versus distrato social: fio condutor das revoluções

Na linha de continuidade dos desmandos construídos pelo liberalismo, o discurso reacionário trabalha o conceito de contrato social de Rousseau como um fio condutor para o chamado distrato social de Marx, que seria a destruição da ordem burguesa. Estes dois conceitos para Alceu Amoroso Lima, em sua obra teórica, *Política*^m, estão em contraponto à liberdade "natural" do livre arbítrio, que redundaria na liberdade do homem de buscar o bem para a realização humana. "Eis o domínio limitado do livre arbítrio. À unidade de fim corresponde o elemento necessidade da vontade. À multiplicidade de meios corresponde o elemento liberdade da vontade"⁽³⁹⁾. A escolástica medieval deveria emergir da idade de ouro

⁽³⁵⁾Luís Reis Torgal, "A Universidade entre a tradição e a modernidade", *Revista Estudos do Século XX*, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX - CEIS20 Coimbra, Quarteto, 2008

⁽³⁶⁾Laura Jacobina Lacombe, "Alfabetização ou Escola do Trabalho", *A Ordem*, mar. 1932.

⁽³⁷⁾*Idem*.

⁽³⁸⁾ Tristão de Ataíde, *Política*, ob. cit., pp. 25-27.

⁽³⁹⁾ Tristão de Ataíde, *Política*, ob. cit., p. 27.

para o século XX, não importando as mudanças, as rupturas, os conflitos sociais. Girardet, trabalhando o imaginário em torno de uma idade de ouro, chama a atenção para a relevância dos argumentos construídos: "é a ela, em todo o caso, que é preciso recorrer para explicar e compreender essa perpétua e dolorosa oscilação, que as caracteriza a todas, afinal, entre a impotência para reconstituir o que foi e esse peso de esperança que a lembrança conserva sempre"⁽⁴⁰⁾.

Em contraponto ao livre arbítrio, o distrato social e o contrato social teriam fomentado a revolução:

"A teoria do contrato social, com que Rousseau ia ser o patrono da construção liberal da burguesia, no século XIX, é a precursora da teoria do distrato social, com que Marx entregou ao proletariado o encargo da destruição socialista da burguesia. Um erro gerou o outro. O distrato social com que a revolução russa procura destruir violentamente a ordem burguesa e liberal, arrastando na onda os direitos da lei natural e da lei divina, é uma consequência necessária do contrato social com que a revolução francesa destruiu, não apenas o falso regime feudal moribundo, o que seria um bem, mas a ordem social cristã, o que foi um desastre"⁽⁴¹⁾.

A acusação pairava sobre a desordem que teria sido implantada pela revolução francesa que havia quebrado a ordem social cristã. O interdiscurso presente na refutação às revoluções, traz o pensamento contra revolucionário de Joseph de Maistre. Alceu Amoroso Lima trabalha exaustivamente o conceito de revolução e suas consequências para as nações. Para o intelectual, na linha da teoria escolástica um povo deveria suportar a tirania do que recorrer às revoluções, e estas só poderiam ser realizadas a partir de três motivos: um excesso de tirania; pela autoridade pública, única autoridade que poderia fazer deflagrar a revolução e por fim pelas orações. Sem deixar dúvidas sobre a modernidade e a atualização do paradigma político tomista, Amoroso Lima era axiomático: "doutrina política tomista é tão atual, tão moderno, como o que de mais moderno possa existir em ciência política"⁽⁴²⁾.

⁽⁴⁰⁾Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, ob. cit., p. 139.

⁽⁴¹⁾Tristão de Ataíde, *Política*, ob. cit., pp. 25-27.

⁽⁴²⁾Tristão de Ataíde, *Política*, ob. cit., p. 107.

Na mesma linha teórica, o discurso de Jackson de Figueiredo acerca das revoluções ainda é mais insuflado, afirmava que "a pior legalidade ainda é melhor que a revolução", e que "a coluna de fogo é esta: o ideal anti-revolucionário"⁽⁴³⁾. O fio condutor das revoluções contemporâneas teria sido a Reforma, a Revolução Francesa⁽⁴⁴⁾ e o marxismo. A reforma teria dado o primeiro passo de ruptura com o catolicismo, gerando a desagregação da unidade cristã, quando até então a filosofia tomista teria proporcionado uma unidade e uma paz duradoura. Emerge deste discurso a construção de um imaginário no viés da idade de ouro, ao eleger um tempo passado, glorioso, onde faz-se "uma leitura da história, com seus esquecimentos, suas rejeições e suas lacunas, mas também com suas fidelidades e suas devoções, fonte jamais esgotada de emoção e fervor. Daí segue-se à representação do tempo distante, perdido na narrativa do mito e sua mensagem mobilizadora"⁽⁴⁵⁾.

Lutero e Rousseau são responsabilizados como veículos de instalação das duas fontes de instabilidade social. Lutero teria entregue a igreja ao Estado e Rousseau "nada mais fez do que transferir de um soberano para outro esse poder absoluto e incontestável. Rousseau, de fato, limitou-se deslocar do rei para o Povo a soberania absoluta"⁽⁴⁶⁾.

Alceu Amoroso Lima assim como Jackson de Figueiredo e outros, refletem em seus discursos a matriz francesa de intelectuais como Veuillot, Maurras, Péguy e Maistre. A revista *A Ordem* trazia sempre uma epígrafe em sua primeira página com pensamentos de Veuillot: "A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmitir e deixar a vida como uma criatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada unicamente originária das fermentações do lodo da terra"⁽⁴⁷⁾.

Em Jackson de Figueiredo esta influência é clara, presente no seu discurso, seja através de citações em sua obra, seja na essência do dito, seja na propaganda de livros recomendados. No livro *A Doutrina da*

⁽⁴³⁾Jackson de Figueiredo, *A Coluna de Fogo*, RJ, p. 25.

⁽⁴⁴⁾Acerca da visão ideológica da Revolução Francesa em Portugal, vide a obra de Luís Reis Torgal, *História e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989.

⁽⁴⁵⁾Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, ob. cit., p. 99.

⁽⁴⁶⁾Tristão de Ataíde, *Política*, ob. cit., p. 102.

⁽⁴⁷⁾*A Ordem*, nº 55, jul. 1927, p. 1.

Ordem de Hamilton Nogueira, a recomendação de sua leitura mostra o interdiscurso francês:

"a situação política que atravessamos, resultado da anarchia mental e do romantismo jurídico, assinalados pelo liberalismo que, de há muito vem corroendo e consumindo as nossas elites e a nossa organização cristã, encontra em Hamilton Nogueira um crítico e um doutrinário. Orientado pela Fé Catholica, luz guiadora de De Maistre, De Bonald e tantos outros doutrinários, o critico *d'* A doutrina da Ordem, expõe numa linguagem sóbria, desartificiosa e serena os effeitos dos malabarismos políticos de origem liberal que tanto tem infelicitado o nosso povo, que se orienta por elites amorphas, dissolventes e anarchicas"⁽⁴⁸⁾.

Por ser a Reforma e a Revolução Francesa os responsáveis apontados neste discurso como inoculadores da desordem, o discurso da tradição se volta para a restauração do lugar da igreja junto ao Estado e conseqüentemente da barreira ao liberalismo laico. O discurso apelava para o perigo que representava a implantação do Estado laico, procurando avaliar o "germen" que penetrou no sistema político europeu através dos dois grandes movimentos "heréticos" a reforma e a revolução francesa. A filosofia escolástica, naquela idade de ouro, constrói sentidos de uma filosofia da ordem, uma pureza perdida, onde a inoculação do "gérmen" do liberalismo e da Reforma condenou a sociedade mundial. A reação à revolução francesa levou a revista *A Ordem* a pleitear junto ao Congresso Brasileiro o fim do feriado do 14 de julho, uma vez que este dia representava um "equivoco na história mundial"⁽⁴⁹⁾. O discurso trabalha com a perspectiva de uma iminente catástrofe, apelando para a construção de um imaginário político em que o Brasil pelo liberalismo seria soviético, e isto levaria à barbárie e ao mal. Girardet trabalhando sobre a construção do imaginário político, chama a atenção para a linguagem utilizada que traz a "denúncia de uma conspiração maléfica tendendo a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas"⁽⁵⁰⁾.

⁽⁴⁸⁾ *A Ordem*, n° 46, set. 1925, p. 173.

⁽⁴⁹⁾ *A Ordem*, jun. 1928, pp. 34-35.

⁽⁵⁰⁾ Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, ob. cit., p. 11.

Nesta linha de buscar os responsáveis pelas origens remotas da "desordem"⁽⁵¹⁾ instalada no mundo, Jackson de Figueiredo faz uma apologia a Joseph de Maistre, em seu texto "origens remotas e profundas do satanismo revolucionário", argumentando que estas origens estavam mais além da revolução francesa, elas emergiam com Lutero. Seria naquele momento "na primeira experiência de liberdade humana sobre a matéria viva da sociedade européia, que devemos verificar a origem desta caudal de males, que parece ameaçar os povos christãos de uma inundação desrespeitadora de todos os limites"⁽⁵²⁾.

O discurso constrói sentidos que elegem a igreja católica como o centro de irradiação da ordem. Daí o discurso conservador trazer em seu cerne a apologia ao papel da igreja católica junto ao Estado, desde que este Estado não estivesse no âmbito do paradigma liberal. Nestes termos se implantaria a colaboração recíproca entre Estado e Igreja.

Assim, manipulando de forma maniqueísta a noção de ordem e desordem⁽⁵³⁾, o discurso trabalha na construção de um imaginário político, onde o bem é representado pelo discurso sagrado e o mal pela ideologia exótica, apontada no paradigma liberal. Neste sentido o imaginário construído em relação ao papel dos intelectuais naquela conjuntura vem de encontro às análises de Baczko quando afirma que "o imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele se torna o lugar e o objeto dos conflitos sociais"⁽⁵⁴⁾ 55.

Na obra *Literatura reacionária*⁽⁵⁵⁾ Jackson de Figueiredo critica a arte e a moral numa polêmica com Ronald de Carvalho, tendo sempre o interdiscurso de Maurras, na França e António Sardinha e Fidelino Figueiredo em Portugal. Nesta linha, citando o poeta Tasso da Silveira, Figueiredo faz uma crítica apologética ao poeta, por sua poesia ser voltada essencialmente para dois flancos: a restauração dos ideais católicos e acusações cáusticas contra a Reforma e a Revolução Francesa, fomentadoras da "desordem do individualismo europeu, e isto da pior

⁽⁵¹⁾G. Balandier, *O Poder em Cena*, ob. cit.

⁽⁵²⁾Jackson de Figueiredo, "Joseph de Maistre e a Contra Revolução", *A Ordem*, nº 62, ano VIII, 1928, p. 14.

⁽⁵³⁾Balandier, *La desorden*, Barcelona, Gedisa, 1996.

⁽⁵⁴⁾B. Baczko, "Imaginação Social", ob. cit., p. 310.

⁽⁵⁵⁾Jackson de Figueiredo, *Literatura Reacionária*, ob. cit., p. 20.

forma, porque a verdade é que a maioria dos nossos intelectuais ignora até mesmo a origem, a filiação do seu obscuro idealismo"⁽⁵⁶⁾ 57.

Acionando signos inerentes ao discurso católico, o discurso tradicional convoca a população a uma cruzada contra o laicismo, que com o liberalismo havia expulsado Deus de todas as atividades importantes das nações. Neste sentido associa-se o laicismo à morte, à destruição: "depois de expulsar a Deus da intelligencia da sociedade e das leis, chegará o momento de querer expulsar da vida. Será a hora de os christãos darem o seu testemunho de sangue. O laicismo não é somente estéril, elle é assassino!"⁽⁵⁷⁾. A partir de 1935 a igreja católica no Brasil dispõe de elementos concretos para impingir o medo e o pavor da população contra a chamada doutrina soviética: a recente intentona comunista que assolou o país, liderada por Luis Carlos Prestes. Através de um discurso que investe no medo coletivo, construindo um imaginário em que a Rússia "intentava contra o Brasil" - haja vista Prestes ter morado um tempo em Moscou - e que em breve a nação seria "sovietizada como o Mexico": Assim, o uso do imaginário coletivo, de forma maniqueísta, trabalhando o bem e o mal, polarizando a ordem e a desordem, vão de encontro às análises teóricas de Bazcko quando afirma que o imaginário social trabalha "através de séries de oposições que estruturam as forças afectivas que agem sobre a vida colectiva, unindo-as, por meio de uma rede de significações, às dimensões intelectuais dessa vida colectiva: legitimar, invalidar; justificar, acusar; tranquilizar; perturbar; mobilizar, desencorajar; incluir, excluir"⁽⁵⁷⁾-

Tradição e República

O discurso tradicional aponta também para a relevância desta simbiose entre Igreja e Estado - este não deveria ser liberal - que deveriam dar-se as mãos contra o inimigo comum - o comunismo. Afirmavam

⁽⁵⁶⁾ Jackson de Figueiredo, "A obra de Tasso de Oliveira na evolução de poesia brasileira", *A Ordem*, jan. 1925, nº 39, ano IV, p. 6.

⁽⁵⁷⁾ Discurso de Arnóbio Wanderley, Secretário do Interior, no Estado Novo, em 1939, quando da celebração do III Congresso Eucarístico Nacional, in *Annaes do III Congresso Eucharistico Nacional*, Recife, Officinas Graphicas do Jornal do Commercio, 1940, p. 351.

os conservadores que a "igreja jamais se sentiu perfeitamente aliada a instituições de carácter democrático, republicano, o que, no fundo, significa, a tentativa de organização revolucionária, anti-christã, e essencialmente paganizante".⁽⁵⁸⁾ A reação ao liberalismo republicano levava os tradicionais a criticarem a república brasileira, afirmando que "ainda é um instrumento de desnacionalização, ainda uma inimiga do paiz, uma simples forma de imperialismo judaico"^{(58 (59))}.

Após a Revolução de 1930, inicia uma abertura para a igreja junto ao Estado, expressa na aquisição de cargos públicos pela hierarquia e também pelo laicato católico. Este processo de aproximação se solidifica quando da deflagração do estado novo: o Estado aceitou o pacto. As vozes dos poderes temporal e espiritual tornaram-se uníssonas contra os bolchevistas. É construído um discurso maniqueísta, onde a polaridade da luta do bem contra o mal, representada pela Igreja romana e os comunistas, convoca os católicos a se arregimentarem para destruir o mal, em torno de uma luta santa e gloriosa. Daí a expressão amplamente usada para persuasão e construção desta imagem: o laicismo é assassino⁽⁶⁰⁾.

Alceu Amoroso Lima, em 1936, enfatizava a relevância do Estado e da Igreja estarem unidos na barreira contra o comunismo. Para o intelectual, ao Estado competia "precisamente a organização do trabalho", à Igreja "precisamente a organização da família", observava então, que bastava volverem-se os olhos para esses dois postulados sociais, para perceber-se que não deveria haver divórcio entre eles, uma vez que o problema da família não era só um problema moral, mas, também, um problema económico, que, por sua vez era um problema moral.

⁽⁵⁸⁾ *A Ordem*, n° 46, ago. 1925, p. 130.

⁽⁵⁹⁾ *A Ordem*, n° 46, ago. 1925, p. 130. Acerca das diversas argumentações que compõem o universo das acusações anti-semitas, vide: Leon Poliakov, *De Maomé aos Marranos*, São Paulo, Perspectiva, 1984; *De Cristo aos Judeus da Corte*, São Paulo, Perspectiva, 1979; *De Voltaire a Wagner*, São Paulo, Perspectiva, 1985; *A Europa Suicida*, São Paulo, Perspectiva, 1984; *La Causalité Diabolique*, Paris, Calmann-Levi, 1980, esta obra do prof. Poliakov, é fundamental para o tipo de acusação trazida no discurso reacionário, uma vez que analisa a questão do mito da organização judaica objetivando o domínio mundial; Yves Chevalier, *L'Anti-sémitisme. Le Juif comme bouc émissaire*, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1988, o autor analisa a temática do judeu como "bode expiatorio", construindo uma trajetória que se inicia no mundo antigo, perpassando pelo surgimento do cristianismo, até a Alemanha nazista.

^m *Annaes do III Congresso Eucharistico Nacional*, ob. cit., p. 351.

Concluía, fechando o cerco da argumentação e trazendo à baila a questão educativa, observando que, se o trabalho e a família eram os fundamentos, material e moral da sociedade, estes aglutinam-se em um problema único: o pedagógico.

Esta preocupação com a educação tradicional trazia um discurso elitista, que apontava como alvo máximo da Igreja Católica, o domínio sobre a educação das futuras gerações, garantindo uma barreira ao liberalismo e na construção de uma nacionalidade livre das doutrinas "exóticas"⁽⁶¹⁾. Na cooptação dessa mocidade inquieta e ruidosa, residia a possibilidade de assegurar uma barreira contra a "sedução" das novidades, uma vez que se vislumbravam nesses jovens de amanhã forças públicas, de construção ou destruição⁽⁶²⁾.

Na visão aristocrática de condução da mocidade, este discurso retoma e associa o conceito antigo de tradição, como sendo um antídoto para a ideologia comunista. Afirmava que quando a tradição de uma pessoa ou de um povo é destruída, tem-se o "cáos social e humano, o vazio moral"⁽⁶³⁾. Este discurso encontra-se permeado pela noção da desordem em contraponto à tradição, apontada como o seu inimigo capital, o demónio social e doméstico para os comunistas. Daí estes a combaterem, infiltrando a desordem. Sob este ponto de vista, portanto, qualquer resquício de tradição que sobrevivesse, representaria a negação do bolchevismo⁽⁶⁴⁾. Dever-se-ia admitir que a salvação do Brasil estava contida na volta à tradição: "não tenhamos vergonha de ser acoimados de reacionários"⁽⁶⁵⁾.

Este discurso colaborava para a construção de um imaginário coletivo, em que o comunista se identificava com o demónio, símbolo do mal. Por esta razão a Igreja se imputava a missão de salvar e regenerar a política no Brasil. As doutrinas exóticas, só seriam erradicadas pela função salvadora desempenhada pela pedagogia catequética,

⁽⁶¹⁾Tristão de Ataíde, "Tai e Chefe", *A Tribuna*, Recife, 03.09.1936, p. 1.

⁽⁶²⁾Jonathas Serrano, "Pensamento e Acção", *A Ordem*, mar. 1931.

⁽⁶³⁾*A Gazeta*, Recife, 25.12.1937, p. 5; sobre o conceito de tradição ver: Eric Hobsbawm e Terence Ranger (org.), *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

⁽⁶⁴⁾*A Gazeta*, Recife, 25.12.1937, p. 5.

⁽⁶⁵⁾Oscar Mendes, "O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico", *A Ordem*, p. 32.

apontada como ordeira e nacional. Este discurso trazia na sua essência um determinismo político, segundo o qual todo e qualquer meio de erradicar os "focos" bolchevistas era apresentado como ineficiente e falaz. Nesta ótica, preconizava-se que quem fugisse de Roma seria devorado por Moscou⁽⁶⁶⁾.

A estratégia usada para a recristianização do Brasil por Jackson de Figueiredo, tinha sua base na criação de polos de disseminação do catolicismo por toda a nação. Sob a égide de um catolicismo conservador, apresentado como barreira às doutrinas "exóticas", estrangeiras, Jackson de Figueiredo doutrinou essa elite, com o objetivo de organizar uma verdadeira Cruzada Santa contra o laicismo. Contava com o total apoio do Cardeal D. Sebastião Leme - mentor deste trabalho catequético - que vislumbra no jovem sergipano a possibilidade de vir a ser seu veículo junto à sociedade civil cooptando um segmento social, que aceitasse se colocar sob a fidelidade e obediência aos dogmas romanos. A estratégia de D. Sebastião Leme consistia na ingerência deste laicato católico junto ao palco do poder político, com o objetivo claro de ter acesso aos cargos políticos decisórios. Esses intelectuais católicos deveriam fazer frente às teorias liberais e anti-clericais abrindo espaço para a retomada do poder perdido desde o final do século passado⁽⁶⁷⁾.

O pensamento conservador, contra revolucionário presente nos discursos de Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo constroem sentidos de nacionalismo, contra-revolução, ordem *versus* desordem, moral e ética.

A revolução, temida e odiada, era olhada pelos dois intelectuais como uma consequência da Reforma, que havia gerado uma ruptura no modelo tomista de paz e harmonia. O homem teria se separado de Deus e o racionalismo de Descartes, somado ao liberalismo dos enciclopedistas, teria levado à Revolução francesa. A revolução representava o grande Golias a ser exterminado. Para Jackson de Figueiredo "a pior legalidade ainda é melhor que a melhor revolução"⁽⁶⁸⁾.

⁽⁶⁶⁾A *Tribuna*, Recife, 15.12.1937, p. 1.

⁽⁶⁷⁾Oscar Mendes, "O Liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico", *A Ordem*, 1932, pp. 31-45.

⁽⁶⁸⁾Jackson de Figueiredo, *A Coluna de Fogo*, ob. cit., p. 25.

A moral e a ética estão vinculadas aos princípios da escolástica, e a idade média representada pelo mito da Idade de Ouro. A igreja católica é eleita como guardiã da moral e da nacionalidade. Daí nacionalismo e catolicismo estarem intrinsecamente relacionados. A república é condenada como caminho para a desordem, das revoluções e a implantação do comunismo. Reiteradas vezes afirmam que a revolução é incompatível com o católico.

A construção do conhecimento está vinculada à tradição, fora dela o conhecimento se torna objeto do ideário bolchevista. Tratando sobre a universidade Alceu Amoroso Lima afirmava: "é mister unir ao espírito de uma universidade a tradição e a invenção. Pela primeira vez estabelecemos o laço de continuidade com o passado". Conclui o artigo mostrando a importância dos estudos teológicos e metafísicos na Universidade para que assim possamos fazer barreira "ante a invasão do politecnismo soviético, do pragmatismo yankista ou do modernismo pedantesco espalhado por toda parte e que tem deturpado tantas vezes as Universidades modernas"⁽⁶⁹⁾.

⁽⁶⁹⁾Alceu Amoroso Lima, " Universidade e Civilização", *A Ordem*, 1938, p. 157.